

TRADUÇÃO DOS FRAGMENTOS SOBRE A FÍSICA EPICUREA TRANSMITIDOS POR DIÓGENES DE ENOANDA

TRANSLATION OF FRAGMENTS ABOUT THE EPICUREA PHYSICS TRANSMITTED BY DIOGENES OF OENOANDA

Tradução e Introdução de Rogério Lopes dos Santos¹

Resumo: O presente trabalho consiste em uma tradução dos ensinamentos de Epicuro acerca da Física (*physiologia*) transmitidos por Diógenes de Enoanda. A fonte bibliográfica da qual nos servimos em nossa tradução é a recente obra *El sabio camino hacia la felicidad: Diógenes de Enoanda y el gran mural epicúreo*, de Carlos García Gual.

Palavras-chave: Epicurismo, Diógenes de Enoanda, Física, *Physiologia*, Tradução.

Abstract: The present work consists of a translation of the teachings of Epicurus about his Physics (*physiologia*) transmitted by Diogenes of Oenoanda. The bibliographical source of which we serve in our translation is the recent work *El sabio camino hacia la felicidad: Diógenes de Enoanda y el gran mural epicúreo*, of Carlos García Gual.

Keywords: Epicureanism, Diogenes of Oenoanda, Physics, *Physiologia*, Translation.

Introdução

Diógenes de Enoanda surge na História da Filosofia como um epicurista do século II d.C., já em idade avançada e enfermo, como observa Carlos García Gual (2016):

Desse retirado, mas devoto e entusiasta discípulo do filósofo ateniense [Epicuro], só sabemos o que nos conta de si mesmo: quer dizer, que era velho e estava enfermo, e que antes de despedir-se com bom ânimo da vida, quis deixar escrita sobre pedra e ao alcance de todo mundo as ideias fundamentais de Epicuro, como um alegre legado filosófico [...] (GUAL, 2016, p. 9, tradução nossa).²

A inscrição em pedra acima citada foi o que tornou Diógenes importante para a Filosofia – em especial, para os estudiosos do Epicurismo. Isso porque, tal inscrição consiste em uma reprodução dos ensinamentos de Epicuro sobre a Física (a sua *physiologia*) e sobre a Ética. Aliás, e esse é um ponto importante (pois evidencia a

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: rogeriolopes06@hotmail.com.

² Eis os fragmentos nos quais Diógenes faz tais revelações: “Llegado ya al ocaso de mi vida, a punto casi de despedirme de la existencia por motivo de mi edad [...]” (Diog. Oen. 3); “[...] Me encuentro tan enfermo que se me presenta el momento de decidir si todavía voy a vivir o ya dejar la vida (porque me angustia mi dolencia cardíaca). Si sobrevivo a la crisis aceptaré gustosamente lo que aún se me conceda vivir; si no me repongo [no me será desagradable la muerte]” (Diog. Oen. 117).

minúcia com a qual Diógenes idealizou o seu projeto), tais inscrições foram feitas segundo uma ordem de estudo canônica entre os epicureus, a saber, da Física para a Ética: “[...] a Física antes da Ética é a ordem correta para um epicureu, pois Epicuro pensava que o estudo da Física era o conhecimento necessário para alcançar a moral almejada” (GUAL, 2016, p. 21, tradução nossa).

A estrutura na qual constavam as inscrições encomendadas por Diógenes consistia em blocos de pedra polida, os quais formavam o “pórtico da ágora de Enoanda” (GUAL, 2016, p. 20, tradução nossa), com aproximadamente noventa metros de largura e três metros de altura. Esse monumento foi destruído não se sabe por quem ou por qual motivo. O que sabemos é que os seus blocos foram utilizados para outras construções, e que foram encontrados enterrados e dispersos até o final do século XIX, pois foi somente em 1884 que eles passaram a ser estudados. Os responsáveis por esse feito foram Maurice Holleaux e Pierre Paris, embora a primeira publicação dos fragmentos dessa grande inscrição (64 fragmentos) só foi realizada em 1892, por Georges Cousin. Atualmente, a obra de referência para o estudo da inscrição de Diógenes é a edição crítica de Martin Ferguson Smith (1993), *Diogenes of Oinoanda: The Epicurean Inscription*, a qual é complementada até os dias atuais por meio de artigos acadêmicos.

A presente tradução é feita a partir da obra *El sabio camino hacia la felicidad: Diógenes de Enoanda y el gran mural epicúreo*, de Gual. Em sua seleção e tradução dos fragmentos da inscrição de Diógenes para a língua espanhola, Gual não só se serve da numeração dos fragmentos presentes na edição crítica de Smith, como também acrescenta os novos fragmentos publicados por Smith e Jürgen Hammerstaedt em data posterior à obra de 1993. Tais fragmentos surgem na presente tradução sob a sigla NF (*New Fragments*). “Os colchetes [atenta Gual] indicam que as palavras traduzidas são reconstruções dos editores. Na tradução, estão omitidos os fragmentos demasiados pequenos, de vocábulos soltos ou sem sentido completo” (GUAL, 2016, p. 26, tradução nossa). Cabe ainda esclarecer outros dois pontos. O primeiro é: todas as notas de rodapé presentes em nossa tradução são de autoria de Gual. Já o segundo ponto diz respeito aos fragmentos traduzidos: o presente trabalho consiste em uma tradução apenas dos fragmentos relativos à Física (*physiologia*) epicurea (25 fragmentos), sendo a obra de Gual mais extensa, pois contém outros 28 fragmentos relativos à Ética, algumas Cartas, Máximas e um Tratado Sobre a Velhice.

TRADUÇÃO
A GRANDE INSCRIÇÃO DE ENOANDA
FÍSICA

1

[Diógenes de Enoanda: *Epítome sobre a sensação e a natureza.*]

2

[Ao observar que a maioria das pessoas sofre pelas falsas noções sobre as coisas e não escutam o corpo] quando lhes anunciam suas importantes e justas [acusações] contra a alma, alegando que são injustamente atormentadas e maltratadas pela alma e pressionadas em direção às coisas que não são necessárias, porque os desejos do corpo são pequenos e fáceis de saciar e a alma também pode viver bem compartilhando esse desfrute, enquanto que os desejos da alma são grandes e difíceis de alcançar e, ademais, de não serem proveitosos à nossa natureza, supõem serem autênticos os riscos, de modo que, resumindo o que estava dizendo, vendo quantos estavam nesse estado de ânimo, me compadecei por suas vidas e chorei pela perda de seu tempo e vim a considerar como um dever de um homem de bem socorrer com afeto humano, na medida em que está ao meu alcance, às pessoas de bom juízo. Este é o primeiro motivo dessa inscrição.

Digo, por um lado, que o temor vão em relação à morte e aos deuses angustia a maioria de vós e, por outro, que o que produz a alegria de verdade duradoura não são nem os teatros nem os espetáculos, nem os banhos, os perfumes e nem os unguentos que deixamos de todo para as massas vulgares, mas o estudo da natureza...³

3

[E eu queria refutar os que acusam a filosofia⁴ de não nos ser proveitosa.] De modo que, ainda que eu não participe dos assuntos públicos, digo essas coisas como se estivesse presente neles, buscando mostrar que o que convém à nossa natureza, que é a serenidade do ânimo,⁵ é o mesmo para um e para todos. E assim, pois, após ter exposto o segundo motivo de minha inscrição, vou apresentar tudo o que tenho meditado, explicando como e qual é o seu fundamento.

³ A palavra grega usada é *physiología*.

⁴ Ou talvez a *physiología* (o estudo da natureza)

⁵ *Ataraxia*.

Chegado já ao crepúsculo da minha vida, quase ao ponto de me despedir da existência por causa da minha idade, eu queria fazer isso com um belo peã⁶ para celebrar a plenitude dos prazeres, a fim de não voltarmos atrás em ajudar as pessoas de bom entendimento.⁷ De modo que, se apenas um ou dois, três, quatro, cinco, seis ou qualquer outro número de pessoas que prefiras, amigo, contanto que não sejam em demasia, se encontrarem angustiadas, eu me dirigiria pessoalmente a cada uma delas, uma por uma, para lhes dar o meu melhor conselho. Porque, como eu disse antes, a maioria das pessoas andam enfermas em massa, afetadas, como por uma epidemia, por suas falsas opiniões⁸ acerca das coisas, e vão adoecendo cada vez mais, pois em seus esforços contagiam uns aos outros, tal como se sucede nos rebanhos.

E é justo acudir também os que viverão depois de nós, pois também eles são algo nosso, ainda que não tenham nascido e é, ademais, uma demonstração de amor ao próximo⁹ socorrer¹⁰ os forasteiros que chegam até aqui. Assim, como os conselhos da inscrição alcançariam muitos mais, eu queria utilizar esse pórtico para expor em um espaço público os remédios medicinais¹¹ da salvação. Esses remédios medicinais nós testamos integralmente. Porque temos nos libertado de todos os temores que usualmente sofremos em vão, e temos anulado por completo as dores supérfluas e limitado as naturais em seu conjunto a algo pequeno, reduzindo assim sua grandeza ao mínimo.

4

[...] Alguns filósofos, e de modo especial, os socráticos, afirmam que investigar a natureza e os fenômenos celestes é uma ocupação excessiva e inútil, e não se dignam a ocupar-se em nada nesse estilo.

⁶ O *paian* era um canto de vitória e de ação de graças aos deuses (por exemplo, a Zeus ou a Apolo) por alcançar um triunfo.

⁷ Se repete a expressão *tois eusynkrítois*: “os de bom entendimento” ou “as judiciosas”, que se opõe provavelmente à maioria (*tois pléthesin*), ao vulgo, néscio, e pouco recuperável para a filosofia, citados no fragmento anterior.

⁸ O termo grego é *pseudología* (*pseudodoxía*, segundo outros), “a retórica das mentiras”; quer dizer, estão alienadas por suas crenças falsas (cf. 224 Usener).

⁹ A palavra grega é *philánthropon*, quer dizer, uma “demonstração de filantropia”.

¹⁰ O verbo grego usado aqui é *epikoureîn*, que significa “socorrer, ajudar”, mas também poderia, creio eu, suscitar um eco curioso: “ser como Epicuro”.

¹¹ Os “remédios medicinais da salvação” são, em grego, *phármaka tês soterías*. Recordemos a função salvadora da filosofia nessa época, e a comparação com a medicina que falamos em outros textos epicureus. Também é interessante que a mensagem de salvação esteja exposta em uma Estoa, em um pórtico. Também os estoicos usaram lugares públicos para exporem suas doutrinas.

5

[Outros não desacreditam] declaradamente a investigação da natureza, avergonhando-se de reconhecer tal assertiva, mas usam outros modos de indeferimento. Pois, quando afirmam que as coisas são inapreensíveis, que fazem senão dizer que não devemos investigá-las? Pois, quem vai buscar o que nunca se encontra? Assim, Aristóteles, e os que seguem na mesma senda peripatética que ele, diz que nada se pode saber de modo científico. Porque todas as coisas fluem sem pausa e, pela rapidez de seu fluxo, escapam de toda a nossa apreensão sensível. Nós, no entanto, reconhecemos esse fluir das coisas, mas não que seja tão rápido que a natureza de cada evento resulte em todo momento inapreensível a nossos sentidos. Pois, nesse caso, tampouco poderiam sustentar quem mantém essa opinião que agora manifestam, que isto seja branco e isto seja preto algumas vezes e, em outras, que isso não é branco e nem preto, a não ser que previamente tenham conhecido a propriedade do branco e do preto. E, quanto aos filósofos chamados “eféticos”,¹² como Lácides de Cirene...

6

[A respeito dos corpos primeiros, também] chamados elementos,¹³ que, por um lado, têm subsistido desde o princípio e são indestrutíveis, e, por outro, geram as coisas (visíveis) que somente explicaremos depois de haver destruído as opiniões dos outros. Assim, pois, Heráclito de Éfeso disse que o fogo era o elemento básico,¹⁴ Tales, a água, Diógenes de Apolônia e Anaxímenes, o ar, Empédocles de Agrigento, que era o fogo, o ar, a água e a terra, Anaxágoras, as homeomerias de cada coisa, e os da Estoa, que era a matéria e deus. Mas Demócrito disse que (o elemento primordial) eram as substâncias atômicas,¹⁵ e o fez corretamente, mas logo se equivocou em alguns pontos acerca delas. Isto será objeto de análise segundo as nossas opiniões. Agora vamos chamar a juízo os recém citados, não para discutir com eles com uma paixão polêmica, mas querendo deixar a salvo a verdade.

E, em primeiro lugar, com Heráclito, visto que o citamos no começo da lista. Heráclito disse erroneamente que o fogo é o elemento básico. Porque não é

¹² Os “eféticos” são os cétricos, que se abstêm de opinar o que é a verdade e o que é a mentira. Em Diógenes Laércio, I, 16, eles se opõem aos filósofos dogmáticos.

¹³ *Stoicheia*.

¹⁴ Traduzo assim a palavra *stoicheîon*, que corresponde à *arché* ou substância primordial na teoria física de cada um desses filósofos pré-socráticos.

¹⁵ *Physeis atómous*.

indestrutível, embora vemos que se destrua por si mesmo e tampouco pode engendrar as coisas...

7

[...] Equivocou-se também, de modo indigno de si mesmo, Demócrito, ao dizer que os átomos são os únicos elementos que existem de verdade nas coisas reais,¹⁶ enquanto que tudo o mais existe por convenção. Porque, segundo essa sua afirmação, Demócrito, não só não podemos encontrar a verdade de modo algum, como tampouco viver, nem nos proteger do fogo e da destruição...

8

[Posto que nada pode destruir os corpos primeiros],¹⁷ seja um deus ou um homem, temos que concluir que são simplesmente indestrutíveis. Pois se se destruíssem, necessariamente [tudo poderia ir para o não ser].

9

[...] Que muitas vezes as imagens e as aparências são naturezas verdadeiras, até mesmo os espelhos me atestam. Pois, com efeito, a imagem que dá testemunho nos espelhos não vai refutar o que eu digo. Não poderíamos ver neles, nem apareceria nada, caso não se produzisse uma corrente contínua que vai de nós a eles e que nos devolve a imagem. Isso também demonstra que há uma emanção de cada uma das partículas (que compõem a imagem) que é levada (e devolvida) à zona frontalmente oposta. De modo que as imagens que fluem das coisas reais até o incidir em nossos olhos são a causa de nós enxergarmos os objetos e que, [ao chegar ao entendimento, de as pensarmos. Assim, pois, a partir das impressões],¹⁸ as coisas que são vistas pelos nossos olhos são entendidas pela alma. E ao receber as impressões das primeiras imagens, nossa natureza faz-se porosa, de tal modo que, mesmo quando os objetos que vimos no início ainda não estão presentes, se mantêm nossa mente imagens semelhantes às anteriores, surgindo suas figuras tanto em vigília quanto em sonho. E não estranhemos que isso se produza

¹⁶ Traduzo por “coisas reais” o plural neutro *tà ónta*, “as coisas que são”, os “entes”, segundo o sentido aristotélico. Epicuro corrige a teoria de Demócrito ao admitir que também os sentidos nos dão um conhecimento do mundo real.

¹⁷ Recordemos que a palavra “átomo”, *átomos*, significa “não segmentado”, “não divisível” e, portanto, compacto e indestrutível, a menos que se aniquile do todo.

¹⁸ O termo grego é *emptóseis*. O texto distingue entre as coisas reais (*tà prágmata*) e os objetos vistos (*tà hypokeímena*).

até mesmo quando dormimos. Pois de igual maneira fluem nossas representações.¹⁹ Como? Quando dormimos, estando todos os nossos sentidos como que relaxados e apagados de novo pelo sono, a alma, que ainda está desperta e [é capaz de reconhecer] a percepção e a disposição do que recebe nesse momento, ao recolher em si as imagens que chegam, forja uma opinião injustificada e falsa sobre elas, como se esta estivesse de acordo com uma presença firme de coisas verdadeiras. Isso, porque dormem os meios para comprovar a opinião: quer dizer, os sentidos. Pois a regra e o critério da verdade de nossos sonhos seguem sendo estes.

Contra a sua argumentação, Demócrito, dizemos agora essas coisas. A natureza dos sonhos não é de maneira alguma de origem divina, como afirmas, nem tampouco premonitória, mas sim, insisto, o que ocasiona os sonhos são, sobretudo, certas causas naturais, de modo que assim cai rebatido o argumento sofista.

10

Portanto, as imagens não são vãs ilusões da mente, como afirmam os estoicos. Pois, com efeito, quando dizem, por um lado, que são vãs, ainda que tenham natureza corpórea, esta é extremamente tênue e não deixa impressão nos sentidos, estão dando uma má interpretação, pois seria necessário dizer que é corpórea por mais tênue que seja. Mas se é tão vã que não tem entidade corpórea alguma – e isso é sobretudo o que querem dizer, mais que o anterior – como poderia o vã ser representado?

O que acontece, então? As imagens têm uma composição sutil e que permanece mais além da nossa vista, mas não é vã. Mas a mente... Quando acreditamos que vamos ser golpeados por uma espada ou precipitados para algum abismo, nos atiramos para trás por medo, inclusive se estamos acompanhados. A isto acresce-se o seguinte. Quando [em sonhos] temos uma relação sexual, ao modo de quando estamos despertos, não se pode argumentar que não obtemos prazer disso devido estarmos dormindo. Não se deve, portanto, dizer que essas são representações vãs, quando têm tanto efeito.²⁰ Contudo, por outro lado, ainda que não sejam vãs, carecem de impressão sensível e explicação racional, e não falam expressamente a nós, como supõe Demócrito. Pois é impossível que isso ocorra em tecidos tão sutis e carentes da textura de uma natureza firme. Esses equivocam-se e erram em sentidos opostos, os estoicos e Demócrito. Já que

¹⁹ “Representações” corresponde ao termo grego *eídola*, enquanto que o anterior, “imagens”, traduz-se de *phásmata*. As *eídola* produzem no sujeito receptor um *symptoma*, quer dizer, uma impressão ou uma marca. A teoria epicurea da percepção é precisa.

²⁰ O “tem tal capacidade virtual”; *dynamis* é o termo utilizado aqui.

os estoicos negam às fantasias a capacidade²¹ que elas têm, e Demócrito, em contrapartida, concede a elas a que não têm. Mas a natureza dos sonhos...

11

[Os antepassados] do ser humano, depois de haver nascido da terra, segundo a argumentação apresentada, lograram acrescentar este singular recurso de vigor à sua natural...

12

[A partir das cavernas em que habitavam para fugir dos frios invernos,] com o passar do tempo, chegaram à invenção de casas para viver e, a partir dos envoltórios que fabricavam para seus corpos, cobrindo-se com a folhagem das plantas ou com peles – porque já matavam animais –, chegaram à ideia de fazer vestidos – ainda que não cozidos, mas à maneira das peles ou algo parecido –. Mais tarde, ao avançarem, o tempo lhes inspirou também, a eles ou aos seus descendentes, a ideia de tecido. Assim, para nenhuma arte ou técnica, como tampouco para as mencionadas, há que aduzir Atena ou qualquer um dos outros deuses. Pois todas as artes as engendraram as necessidades²² e as diversas circunstâncias no curso do tempo. Tampouco com relação às suas vozes, me refiro aos nomes e aos verbos,²³ com as quais os seres humanos nascidos da terra construíram suas primeiras expressões, não vamos mencionar Hermes e seus ensinamentos, como postulam alguns, já que isso resulta uma evidente idiotice, nem vamos crer nos filósofos, para os quais foi por imposição e ensinamento que os nomes às coisas foram impostos, de modo que os seres humanos obtiveram frente à sua comunicação mútua uma clara manifestação das coisas. Pois é absurdo, e ainda mais ridículo do que todo o ridículo, e, por outro lado, impossível que alguém pudesse chamar tão vastas multidões sendo ele um só indivíduo, já que até então ainda não existiam reis, tampouco letras e sinais vocais em parte alguma, porque sobre esses assuntos havia sido impossível, a não ser mediante um decreto, fazer uma convocação às pessoas; e, por outro lado, mesmo se as tivessem reunido, que as ensinassem à maneira de um mestre-escola que dispõe de uma varinha com um ponteiro e que,

²¹ *Dynamis*.

²² *Chreiai*.

²³ *Onomáton kai remáton* poderia aqui ser traduzido também como “palavras e frases”.

apontando para cada uma das coisas, fosse dizendo: “isto vai se chamar pedra” e “isso madeira”, e “isso aqui, ser humano”, ou então “cachorro”, “vaca”, “burro”...

13

[Os corpos celestes],²⁴ quando os redemoinhos do ar produzem um movimento semelhante, todos se movem com grande ímpeto, mas alguns deles se chocam entre si e outros não. E alguns viajam por um curso reto de um ponto a outro, enquanto outros por um curso circular, como o Sol e a Lua. Alguns giram em um mesmo círculo, como a Ursa. Por outro lado, alguns se movem na região superior, e outras, em vez disso, na inferior. Também disso são ignorantes a maioria, porque acreditam que o Sol vai tão abaixo quanto parece. Mas, se fosse assim, teria que incendiar a Terra e todas as coisas que existem sobre ela. O fato é que vemos sua aparência descer, mas não o Sol em si mesmo. Fique isso assim orientado.

Falemos agora do nascer e pôr do sol e daquilo que a isso está relacionado, advertindo de antemão o já sabido: que quem investiga sobre as coisas não manifestas, percebendo várias maneiras possíveis para a sua explicação, arrisca a se pronunciar a favor de apenas uma. Tal coisa é mais apropriada a um adivinho que a um sábio. Contudo, por um lado, expor todas as possibilidades, sem dizer que uma é mais convincente do que a outra, resulta em um procedimento correto.

Parece, portanto, que o Sol é um círculo de brasas ardentes, e extraordinariamente ágil, que é mantido em suspense pelo ar e funciona como uma fonte, por um lado, do fogo que dele emana e, por outro, do fogo que conflui do seu entorno em agregados de partículas mínimas de composição muito variada. De modo que é suficiente para o universo...

15

[...] Todos os seres humanos... tiveram esperanças... sem remédio. Porque, com efeito, se imagens nítidas chegam até eles, mas não conseguem descobrir como se originam, são abrumados por dúvidas, e então lhes surge a crença [na existência de um Deus criador].

16

²⁴ Em grego, *hoi astéres*, os astros.

Acusam de ateus os que são mais piedosos. E, no entanto, é evidente que não negamos os deuses que são nossos, e sim, os dos outros. Assim, por exemplo, Diágoras de Melos, que tem alguns outros seguidores, afirmou em público que não existem deuses, polemizando a fundo com os que pensam de outro modo. E Protágoras de Abdera sustentou de fato a mesma opinião de Diágoras, mas o fez usando outras expressões com a intenção de evitar a excessiva audácia desse. Assim, ele afirmou que não sabia se os deuses existiam. Isso é o mesmo que dizer que sabe que não existem. O caso é que, se tivesse afirmado em sua opinião original: “Não sei, de fato, que eles não existem”, talvez tivesse disfarçado as suas reais intenções para parecer que não excluía de forma contundente os deuses. Mas disse “que eles existem”, e não “que não existem”, fazendo exatamente o mesmo que Diágoras, que nunca deixou de afirmar isso de que sabia que não existiam. Portanto, como disse, na verdade, Protágoras sustentava a mesma opinião de Diágoras.

17

[...] Fazendo Triptólemo montar em um carro e submetendo-o aos mais pesados trabalhos... Porque, desde já, ao honrar o Supremo Zeus e Deméter como deuses, consideramos que eles não tratam os homens como escravos, mas como amigos.

18

[...] Não pensemos que os deuses são juízes dos injustos e perversos e dos bons e justos. Do contrário, surgirão em nossas almas as maiores perturbações.

[Vamos, pois, contrariar Homero], que sobre eles (os deuses) conta mentiras de todo tipo, apresentando alguns como adúlteros, a outros como coxos, a outros como ladrões, ou mesmo como feridos com lanças pelos mortais, além de convidar os artistas a representá-los de modo indecente. Há estátuas de deuses que disparam flechas e que os mostram manejando um arco, e é assim que aparece Hércules, segundo Homero; outros têm uma escolta de feras, outros se encolerizam com os que são afortunados, como faz Nêmeses muitas vezes. Pelo contrário, convém fazer estátuas de deuses alegres e sorridentes, para em sua companhia sorrirmos ao invés de nos sentirmos amedrontados.

O quê, agora, amigos? Rendamos cultos dignos aos deuses, tanto nas festas como nos ritos particulares, tanto em público como no privado, e conservemos respeito aos costumes tradicionais. E que os Imortais não sejam caluniados por nós, com medo

de serem culpados por todas as nossas desgraças, como se nos enviassem sofrimentos e se cansassem de pesadas obrigações por nossa causa. Além do mais, vamos invocá-los pelo nome...

NF 167 + 126²⁵

Em primeiro lugar, me ocuparei em rechaçar a calúnia que eles apresentam contra nós. Alguns afirmam que a nossa doutrina não é conveniente para a vida. Pois os seres humanos, inclusive no presente, atuam injustamente enquanto podem. De modo que, se eles se vissem liberados do medo dos deuses, cometeriam injustiças desenfreadamente, e assim se veria perturbada toda a nossa existência. Aqueles que não sentem medo dos deuses se portam assim. (Partem do princípio de que, se o tivessem, não cometeriam crimes). Quanto aos demais, declaro que quem baseia os seus argumentos na natureza não são justos por causa dos deuses, mas por observar corretamente qual natureza possuem, as paixões e também as dores e a morte, porque, em todas as partes e em geral, os seres humanos cometem injustiças por causa da dor ou pelo prazer e, por sua vez, os humanos normais são justos por causa das leis, desde que hajam leis justas, e por causa das punições impostas por elas.

Contudo, se também entre eles pode haver alguns que são de conduta correta em relação aos deuses, e não por medo às leis, esses são poucos. Apenas dois ou três serão encontrados entre os grandes setores da população, e nem sequer esses atuam com total firmeza, pois não têm convicções firmes acerca da providência divina. Um claro testemunho de que de nada valem os deuses para rejeitar os atos de injustiças são os povos judeus e egípcios, porque, sendo eles os mais temerosos dos deuses, eles são, ao mesmo tempo, os mais abomináveis de todos.

Em atenção a quais deuses os humanos serão justos? Pois não o são nem com relação aos que existem, nem por temor aos juízes do Hades, segundo Platão e Sócrates. Isso é conclusivo. Caso contrário, por que aqueles que desprezam as leis vão parar de zombar ainda mais dos mitos? Portanto, acerca da prática da justiça, nossa doutrina não causa nenhum dano, nem a doutrina contrária traz qualquer benefício. Quanto à disposição do ânimo em conjunto, a doutrina contrária não só não é benéfica, como, ao contrário, causa danos, enquanto que a nossa não prejudica, mas ajuda. Pois, esta elimina as perturbações do ânimo, e a outra as aumenta, como já vos expusemos.

²⁵ Hammerstaedt, J. e Smith, M. F., 2009: 5 e ss. O fragmento NF 126 havia sido publicado já em Smith 2003: 74-84, mas somente com o descobrimento de NF 167 adquiriu sentido completo.

NF 127²⁶

Que a nossa doutrina²⁷ não só é útil, mas também verdadeira e piedosa, isso será demonstrado.

Afirmam também (os estoicos) que a providência é a construtora do universo, e que, ao mesmo tempo, deus é providente, e que ele mesmo cuida de todas as coisas e dos seres humanos. Vamos primeiro a esta questão: deus criou o universo para si mesmo ou para os humanos? Porque alguns dizem também isso. Contudo, se foi para si mesmo, então empreendeu essa ação querendo obter algo. Como, pois, poderia ser de outro modo, se nada vem a ser sem uma causa, e ainda mais se foi feito por um deus? Vejamos agora o que dizem os estoicos. É que o deus, dizem, queria ter uma cidade e concidadãos, por isso fabricou o universo como uma cidade para si mesmo e o humanos como seus concidadãos. Isso, entretanto, é uma monstruosidade e uma ficção,²⁸ inventada para a adulação dos ouvintes, e não um raciocínio natural que busca a verdade e que trata de explicar o invisível através de imagens, isso resulta evidente por si mesmo.

Além disso, se criou o universo para benefício próprio, por que demorou um tempo infinito antes do cosmos? É por que carecia desse bem e não era tal como um deus? Porque um deus pensa como um ser indestrutível e feliz perante a eternidade sem estar carente de coisa alguma. Qual deus, pois, se existia desde um tempo infinito, gozando de tranquilidade durante milhares de anos, teria concebido a ideia de que necessitava com urgência de uma cidade e seus concidadãos?

20

É impossível que desde a sua origem (qualquer deus) tivesse a necessidade de uma cidade e de concidadãos. Além disso, seria ridículo que, sendo um deus, ansiasse por ter seres humanos como concidadãos. E acrescento o seguinte: se o demiurgo moldou o mundo como um tipo de morada e cidade para si mesmo, me pergunto onde ele vivia antes do mundo. Não encontro resposta no argumento dos que opinam que desde sempre existe este único mundo. Porque, durante este tempo infinito, aparentemente, o deus destes esteve sem cidade e sem casa e, como um homem

²⁶ Hammerstaedt, J. e Smith, M. F., 2011: 83 e ss.

²⁷ *Dogma*.

²⁸ *Teratología kai mythos*.

desafortunado, já nem digo mais um deus, sem ter cidade nem concidadãos, vagabundeava solitário pelo nada. De modo que, se, com efeito, se opina que a divina natureza criou todas as coisas para si mesma, resultam todos estes absurdos. E se foi por causa dos humanos, resultam absurdos ainda maiores. Vamos dividir em dois o argumento: o que diz respeito ao universo e o que afeta os humanos em si. Consideremos primeiro o que se refere ao universo. Vejamos se tudo está bem adequado aos humanos e se há o que censurar do que foi estabelecido pela divindade.

NF 182²⁹

Vamos falar primeiro das consequências dos fenômenos da atmosfera. Quais benefícios o raio traz para a nossa existência naquilo em que ele não é prejudicial? E os relâmpagos, os trovões, as tempestades, o furor e as investidas dos fortes ventos? E o movimento incontrolado dos astros, seus vários tamanhos, e os eclipses do Sol e da Lua e suas trajetórias celestes e estranhas direções? E a noite, quando poderíamos muito bem descansar durante o dia, e as durações de dias e de noites alternantes? Pois todos estes fenômenos são inúteis, quando não nocivos. Assim são os fenômenos celestes.

E o que acontece na Terra? Quanto da extensão da Líbia é inabitável? Quanto é inhóspito para além dos Citas? Quanto da zona da Ásia, quanto da Índia?

21

O mar abarca grandes regiões do mundo, fazendo da terra habitada uma espécie de península, e esta se encontra cheia de males. E, acima de tudo, a sua água não é potável, mas salgada e amarga, como se a divindade a tivesse preparado com o propósito de que os homens não pudessem bebê-la. Além disso, o mar chamado Morto, o qual está verdadeiramente morto, pois nele nem sequer se pode navegar, chega inclusive a estragar parte da terra dos homens que povoam as suas margens, já que os prejudicam ao transbordar com violência em grande extensão e, depois de se espalhar, se retira, como para impedir que trabalhem seus campos com o arado.

Assim vão as coisas do mundo. Então, vejamos agora a vida dos seres humanos, se é que ela é ordenada pela providência divina. Começemos por este ponto: Belo animal, amigos, é o ser humano, racional e presciente, capaz de viver felizmente, caso mantenha uma virtude própria e boas disposições para ela! Mas, e se por acaso este

²⁹ Hammerstaedt, J. e Smith, M. F., 2010: 8 e ss.

animal não possuir inteligência e nem uma nobre virtude, como afirmam os que sustentam essa opinião, os estoicos, e a mais forte insensatez os dominar?

22

[...] Vamos nos prostrar perante as estátuas. Ao transformar certos indivíduos em tiranos, você permite coisas horríveis. E podemos dizer muito mais dos soldados que causam espantosas matanças em todo o mundo. E recordemos algumas tribos bárbaras... Quem, pois, pai Zeus, ao escutar a opinião de que existem deuses que permitem que tão grandes infortúnios aflijam os homens...?

23

[Isso basta], porque não é necessário seguir falando dos males que se escondem em ocultas emboscadas, mas não pense por isso que ignoramos em quantos infortúnios alguns se aprisionam por causa da ambiguidade habitual dos oráculos e seu intrincado manuseio. Talvez, precisamente neste momento, seja a ocasião adequada para evocar quais grandes desastres sofreram os lacedemônios [por acatar o oráculo de Delfos acerca da Arcádia]...?

NF 143³⁰

[...] Contra Ciro... o país do outro lado do Hális, que podiam governar tanto uns quanto outros. Então, por que (Apolo) dá oráculos para aqueles que os querem contra aqueles que não cometeram prejuízo algum, grande ou pequeno, contra ele? Isso não é próprio da dignidade de um deus. Mas, além disso, ele aceita presentes... [Creso] queria a resposta délfica, ganhando-a mediante os dízimos dos despojos de guerra que havia oferecido. E de bom grado marchou contra Ciro, por onde lhe dirigiu o próprio deus.

[...] Arquíloco, o poeta iâmbico...

24

Nessa ocasião, o filósofo da natureza³¹ se baseou nas palavras de um dialético, praticando a arte de interpretar os sonhos e dando-lhes crédito total... Antifonte, ele diz, previu, ao ser perguntado por um corredor que ia competir nas Olimpíadas, que o

³⁰ Hammerstaedt, J. e Smith, M. F., 2008: 7 e ss.

³¹ Quer dizer, o *physikós*.

primeiro não chegaria. Pois aquele, disse, acreditava ter visto em sonho que uma águia o perseguia. Ao perguntar a Antifonte por ele...³²

25

[Para quem é feliz, o desafortunado sempre lhe parece mais agitado do que ele, por estar cheio de confusão e de temor.]³³

Referência

GUAL, Carlos García. *El sabio camino hacia la felicidad: Diógenes de Enoanda y el gran mural epicúreo*. Barcelona: Editorial Planeta, S.A., 2016.

Recebido em: 12/05/2019

Aprovado em: 21/10/2019

³² A anedota é contada por Cícero (*De div.* II, 70, 144), como assinala Smith, que reconstrói a passagem baseando-se nessa citação.

³³ O fragmento é quase por inteiro uma reconstrução feita por Smith, como ele mesmo indica.